



Dogulas Ferreiro

Teresina, 1995. Vive e trabalha em Brasília/DF.

Onde ficam as heranças afetivas de quem tem a sua história escrita em folhas que se perdem no tempo? Os retratos se estabeleceram como o gênero da eternização em pinturas ricas em detalhes, fazendo até mesmo olhos que brilham como se estivessem vivos. Mas quem merece ser imortal?

Em um país com constantes migrações, as distâncias brasileiras entre norte e sul são marcadas pela saudade, coragem e pela mudança radical da história familiar. É desse cruzamento dos distanciamentos de nossa ancestralidade que, em súbitas saudades, nossa cabeça nos lembra. Como se um perfume fosse carregado até nós por um vento suave. De Teresina mas morando no DF, Douglas Ferreiro tem em sua poética a investigação das infâncias e narrativas negras, desenvolvida a partir de memórias reais e inventadas.

Manika Adéniké



Vista da exposição "É um grande Stress", 2022, curadoria de Rafael da Escóssia.



Último passeio da série *Eu não lembro do rosto do meu pai*, 2020
acrílica e óleo sobre tela
90 x 100 cm



A série *Eu Não lembro do rosto do meu pai* surge em decorrência da necessidade de pensar a figura paterna dentro da composição familiar na contemporaneidade. Os trabalhos procuram entender as contribuições do pai para a formação de outros sujeitos, e indaga ainda sobre a não presença ou a falta desse agente nos processos formativos *dos filhos*.

Eu não lembro do seu rosto do meu pai é um lugar de diálogo constante com um tipo de herança que não pode ser reivindicada, mas que pertence a alguém. Essa herança muitas vezes não aparece nos registros civis das crianças, mas estabelece uma relação entre o não lembrar da paisagem física de alguém e ainda assim ser parecido com tal, levando ao lugar onde a própria face escapa.



Eu sou um alguém que chora da série *Eu não lembro do rosto do meu pai*, 2022
acrílica e óleo sobre tela
90 x 100 cm



Sem Título, 2021
acrílica e óleo sobre tela
65 x 54 cm



Auto esmero, 2021

acrílica, óleo, algodão cru, terço, pingente, mineral e búzio sobre tela
59 x 70 cm



As obras surgem em decorrência da falta de fotografias e outros registros da minha própria infância. Portanto, inicio o processo de apropriação de imagens de crianças pretas, que retiro da internet para a criação das pinturas. As imagens estão mescladas com as lembranças da minha infância, o que possibilita a feitura de um álbum particular.

A ficção e o ato de lembrar se misturam, criando então um universo que não busca apresentar de maneira fiel os últimos longes da vida, mas servem de índice para uma história ainda em construção e as suas múltiplas narrativas enviesadas.



Tudo que se planta um dia colhe, bença pai, 2021
acrílica e óleo sobre tela
25 x 50 cm



Manta, 2021
linha e pingente sobre algodão
92 x 56 cm





São Sebastião, 2021
acrílica, linha e pingente sobre tela
50 x 50 cm





O enterro da cachorra, 2020
acrílica vinílica e grafite sobre tela
70 x 50 cm



Sem Título, 2020
acrílica sobre tela
72 x 95 cm



Ninho 2, 2022

acrílico e óleo sobre tela
30 x 30 cm

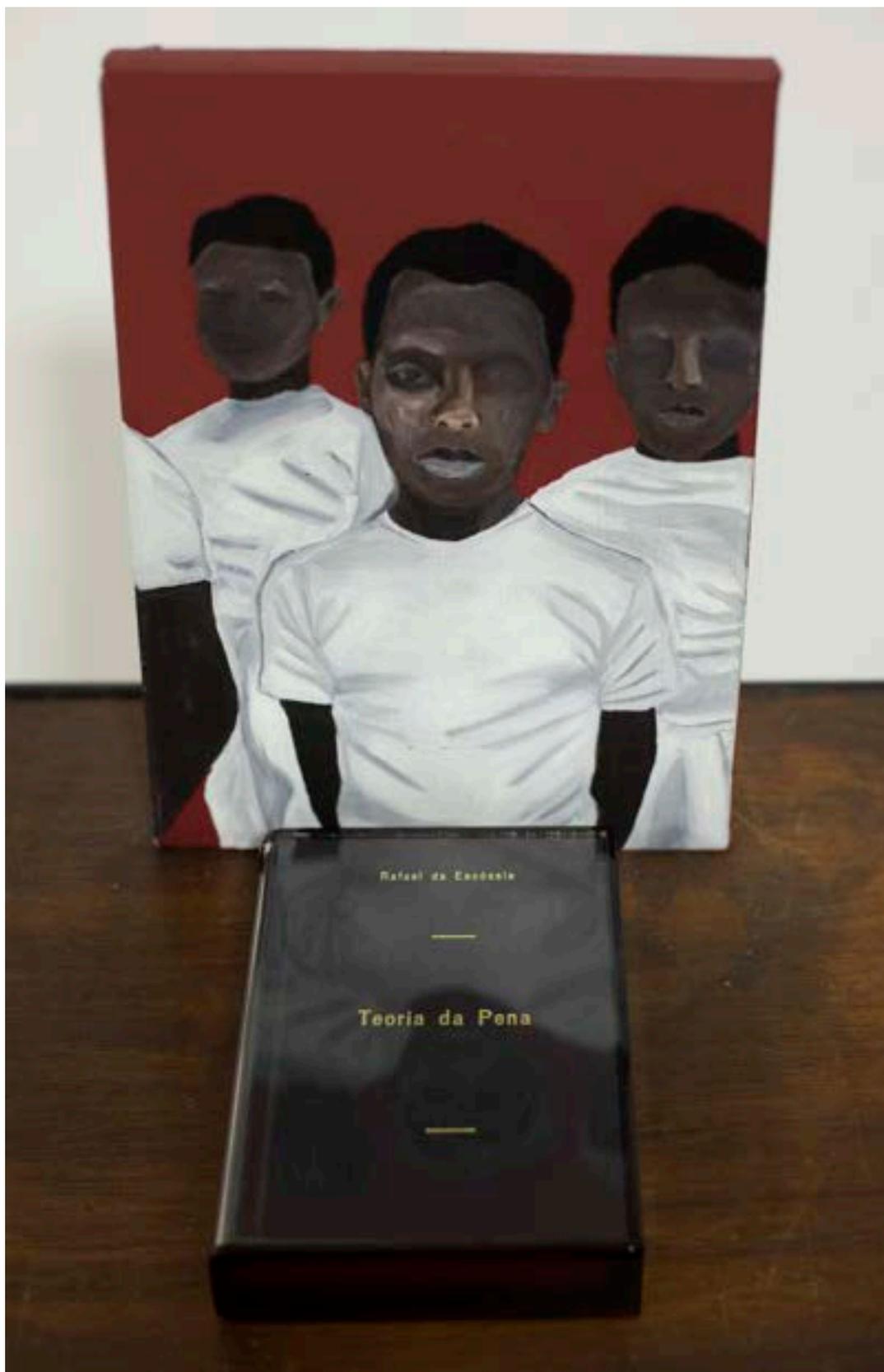


Ninho 1, 2022

acrílica e óleo sobre tela
65 x 34 cm



Sozinha, 2022
acrílica e óleo sobre tela
59,5 x 120 cm (tríptico)



Teoria da Pena, 2022
acrílico e óleo sobre tela, livro
50 x 50 cm



Sem Título, 2022
acrílica e óleo sobre tela
59,5 x 120 cm (tríptico)

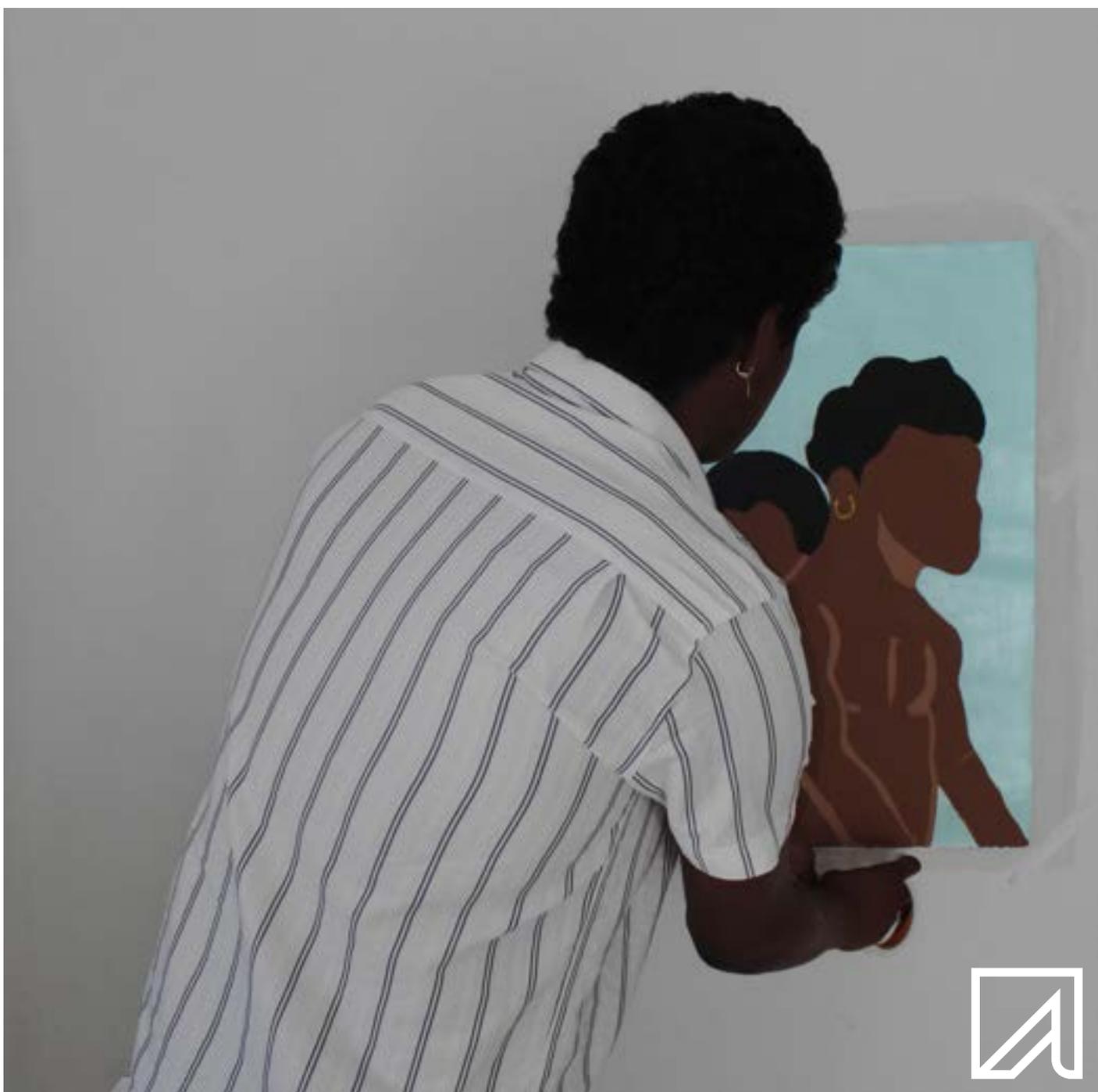


Retrato de James Baldwin 2022

acrílico sobre tela
24,5 x 25 cm (triptico)

Douglas Ferreiro é artista visual e educador, licenciado em Língua de Sinais Brasileira pela Universidade de Brasília - UnB. Desde de 2020 participa de exposições em instituições privadas e públicas, destacando-se: Arerê são canções para voltar, DeCurators, DF (2022), É que eu era pequeninim', Centro Cultural São Paulo (2021), Crônicas Cariocas, Museu de Arte do Rio - MAR (2021) e Fazer Caminhos, Pé Vermelho EC, DF (2021).

Ferreiro busca criar imaginários por meio da pintura, onde as reminiscências da infância são o ponto de partida para entender os processos formativos e percursos que o corpo preto passa até a chegada das contradições da vida adulta dentro do contexto de Brasis. Os trabalhos possibilitam subverter a ideia de passado, presente, futuro e despoluir o que é indesejado por meio de uma nostalgia renovadora, onde a brincadeira com a memória transita entre o reconstruir e o ficcionar sobre a representação de si e de outras pessoas pretas.



Formação Acadêmica

2023 - Licenciatura em Língua Francesa e respectiva literatura, Universidade de Brasília, UnB.

2019 - Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira, Universidade de Brasília, UnB

Formação Artística

2022 - Cor e forma - intensivo de verão, Escola de Arte do Parque Lage

2020 - Acompanhamento crítico: Olhando para poética, Brasília/ DF

2020 - Acompanhamento crítico: Uncool Artist

2019 - A prática da pintura, Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro/ RJ

Exposições Individuais

2021 - É que eu era pequeninim'. 31º Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo/CCSP

Exposições Coletivas

2022 - Pequeno recorte da coleção de Antônio Henrique. Curadoria de Dalton Camargos, Alfinete Galeria, Brasília - DF.

2022 - Até onde a vista (des)cansa. Curadoria de Luciana Paiva e Rafael da Escóssia, Vilarejo 21, Brasília - DF.

2022 - É um grande stress. Curadoria de Rafael da Escóssia, Pé Vermelho EC, Planaltina -DF.

2022 - Arerês são canções para voltar. Curadoria de Pietra Souza, deCurators, Brasília-DF.

2022 - 40º Arte Pará, Belém/PA

2021/2022 - Crônicas Cariocas, Museu de Arte do Rio/MAR, Rio de Janeiro/RJ

2021 - Fazer Caminhos, Pé Vermelho EC, Brasília/ DF

2020 - Bienal Internacional de Guarulhos de Pequenos Formatos, V Big, Guarulhos/ SP

Residências Artísticas

2022 - Pemba, residência Preta. Residência online, SESC/SP

Prêmios

2021 - Prêmio Revista Dasartes, finalista



info@aura.art.br
Whatsapp: +55 11 3034 3825
aura.art.br
São Paulo, SP.